

# CREPÚSCULO, *MIRABILIA* E TREVA NO CAMINHO DO POETA *VIATOR*.

CLAUDIO CUCCAGNA\*

RESUMO: A partir da imagem do poeta viator este ensaio detecta as analogias estruturais, imagéticas e mitopoéticas presentes nos poemas "A ilha de Cipango", de Augusto dos Anjos, e "A máquina do mundo", de Carlos Drummond de Andrade, assim como sinaliza a semelhante e radical atitude dos dois autores em objetivarem uma recusa do mundo pela negação da Utopia.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; mito; utopia.

E como a luz do sol vai-se apagando!

E eu triste, triste pela vida afora,

Eterno pegureiro caminhando,

Revolvo as cinzas de passadas eras,

.....

Como um coveiro a sepultar quimeras!

(Augusto dos Anjos, "Soneto")

\* Doutorando em Literatura Brasileira na USP.

## DOIS TÍTULOS PARALELOS

Há momentos em que o poeta sente a necessidade de transfigurar toda a sua vida ou uma experiência particularmente sentida dela, na imagem de um caminho, mais ou menos impérvio, que ele se vê percorrendo como um viandante solitário, numa atitude ora exaltada e jubilosa, ora angustiada e tristonha. Clara imagem de reminiscência dantesca, ela tem a força, às vezes, de desenvolver-se numa forma complexa e extensa, como é o caso emblemático, por exemplo, que vemos dar-se em *O Guesa* de Sousândrade, poema autobiográfico em 13 Cantos, composto durante cerca de 40 anos, onde o poeta-protagonista – o Sousândrade-Guesa-Inca – se aventura numa longa peregrinação pelo *suna*: o périplo histórico-geográfico da sua missão civilizadora no continente americano e, em parte, africano.

Mas essa imagem do poeta *viator*, colhido no ato de percorrer um caminho no qual ele evoca a memória do já vivido para, amiúde, relacioná-la simbólica ou alegoricamente com a dimensão fantástica do mito, pode também se efetivar na intensidade lírica e imagética de um poema com um número mais limitado de estrofes. É o que observamos, de modo claro e similar, em “A ilha de Cipango” (1904), contido no *Eu* de Augusto dos Anjos, e em “A máquina do mundo”, do livro *Claro enigma* (1948-51) de Carlos Drummond de Andrade. Com efeito, uma leitura comparada dos dois poemas, feita a partir da presença da imagem do poeta *viator*, mesmo ressaltando os inúmeros traços distintivos peculiares aos dois textos, levou-nos à detecção de umas sugestivas analogias de ordem estrutural, temática e lírica, que os caracterizam, e que nos induzem a considerar o poema augustiano uma espécie de antecedente poético de “A máquina do mundo” drummondiana.

E o confronto começa logo no seu início: o título. Com efeito, se é verdade que o título de uma obra literária constitui parte essencial da mesma, e é portanto ancorado a seu texto no seu modo de *vesti-lo*, isto é, de apresentá-lo e entregá-lo à inteligência do leitor, então não podemos deixar de frisar uma primeira analogia já na escolha do título que designa os dois poemas em questão. São, de fato, títulos que se refletem de maneira especular tanto do ponto de vista sintático-gramatical quanto do conceitual. E se no primeiro caso a seqüência artigo-substantivo-preposição-substantivo/nome próprio (ou também artigo-nome próprio, se considerarmos, como é lícito pensar, a Ilha de Cipango e a Máquina do Mundo dois nomes próprios), cria uma aproximação dos dois títulos um tanto vaga e, por assim dizer, visual, é do lado conceitual que ela se faz mais profunda e patente: ambos os títulos, com efeito, se relacionam com a dimensão e com o espaço do maravilhoso, com a força encantadora do mito, evocando por um lado o *locus amoenus* da Ilha de Cipango, e por outro o objeto fantástico da Máquina do Mundo, e informando, outrossim, da centralidade temática que ambas irão desempenhar no interior dos respectivos poemas.

## O INÍCIO DO CAMINHO: O FIM DO DIA

O início *ex-abrupto* de “A Ilha de Cipango” traz consubstancialmente o aparecimento veemente do *eu* poético, seguido logo depois da fixação do cenário, uma estrada, ao longo da qual começa a peregrinação angustiada do poeta *viator* Augusto dos Anjos:

“Estou sozinho! A estrada se desdobra  
Como uma imensa e rutilante cobra  
De epiderme finíssima de areia...  
E por essa finíssima epiderme  
Eis-me passeando como um grande verme  
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A. dos ANJOS, *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 282.

A condição solitária do poeta, devidamente enfatizada pelo uso da apóstrofe, é premissa indispensável à sua peregrinação. No caso, o caráter errático, e, conforme veremos mais adiante, compungido do seu ser, exterioriza-se ao longo de uma estrada que o poeta zoomorfiza na belíssima imagem de uma “cobra / De epiderme finíssima de areia”, numa construção simbólica que do plano objetivo (a estrada tortuosa) desliza para o imaginativo (a “imensa e rutilante cobra”), para voltar novamente ao plano objetivo representado pela estrada (pois a epiderme da cobra é de finíssima areia). Tudo isso, segundo uma tendência marcadamente transformista, que, por exemplo, continua na mesma estrofe com a imagem do poeta zoomorfizado em verme, o agente do *fagismo* transformista da poética augustiana.

Em “A máquina do mundo” de Carlos Drummond de Andrade, verificamos a presença de um exórdio análogo, limitadamente no que diz respeito à aparição repentina da subjetividade poética e à imagem do poeta *viator* passando por uma estrada, ainda que esta última, uma estrada de montanha, não se apresente com as mesmas características morfológicas da representada em “A Ilha de Cipango”:

“E como eu palmilhasse vagamente  
uma estrada de Minas, pedregosa,  
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos  
que era pausado e seco; e aves pairassem  
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo  
na escuridão maior, vinda dos montes  
e de meu próprio ser desenganado,”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> C. D. de ANDRADE, *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 271.

Como aparece explicitamente registrado no v. 3 com a referência ao “fecho da tarde”, sucessivamente complementado por outros indícios cromáticos (o “céu de chumbo”; a “escuridão maior, vinda dos montes”), o poema drummondiano encontra a sua contextualização temporal no fim do dia, em pleno crepúsculo vespertino. Esta situação temporal, acentuada pelo tom solene e paulatino do andamento diegético do poema, determina o aparecimento de uma identificação simbólica entre o caráter “desenganado” do ser do poeta *viator*, e o aspecto sombrio da natureza circundante sobre a qual desce o anoitecer.

Em “A Ilha de Cipango” presenciamos uma análoga seqüência de momentos: o do contexto temporal relativo ao fim do dia, e o da aproximação simbólica que se dá entre este e o estado espiritual do poeta, conforme se aprecia na segunda estrofe do poema:

“A agonia do sol vai ter começo!  
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço  
Precis a Deus de amor e de respeito  
E o Ocaso que nas águas se retrata  
Nitidamente reproduz, exata,  
A saudade interior que há no meu peito...”<sup>3</sup>

<sup>3</sup> A. dos ANJOS, *op. cit.*, p. 282.

O início desta estrofe, ligado a *coblas capfinidas* com o último verso da estrofe precedente (“A agonia do sol” / “ao sol”) para aumentar o fluxo temporal e o caráter diegético do poema – este último, contudo, menos atuante que o observado em “A máquina do mundo” –, apresenta-nos enfaticamente o momento do fecho do dia, dominado pela imagem do pôr-do-sol. E é com esse “Ocaso” de reminiscência simbolista, e com a imagem que ele reflete nas águas do meio circundante, que Augusto dos Anjos, analogamente a quanto vimos acontecer em “A máquina do mundo” – ainda que num tom cromático bem mais apagado, penumbral e numa projeção simbólica que, no poema drummondiano, a rigor, desloca-se do poeta para o mundo externo –, constrói uma correspondência simbólica com seu estado de alma, aqui traduzido numa “saudade interior”. Pois, em dois poemas ricamente e diversamente imagéticos, o símbolo que surge consubstancialmente com a representação paisagística do fecho do dia, intervém de forma similar para soldar, por meio de uma efusão cromática do estado de alma, uma condição humana de privação e desconsolo a um sentido de precariedade, de transição ínsito na natureza do mundo. O poeta *viator* passa pelo mundo e interage intimamente com ele.

#### A PERDA DO SONHO DE FELICIDADE: MIRABILIA PARA O DESENGANO

Momento crucial dessa minijornada do poeta *viator*, que se espelha na centralidade quase geométrica dos dois poemas, é a aparição súbita das *mirabilia* da Ilha de Cipango num, e da Máquina do Mundo noutro; é o manejo pessoal

do mito de que ambos os poetas se valem para poeticamente evocarem uma experiência determinante de sua vida; é, por fim, a confissão íntima e aflitiva de uma expectativa baldada por causas que se revelam alheias (em Augusto dos Anjos) ou sujeitas (em Carlos Drummond de Andrade) à vontade humana – malogro, ademais, que os dois poetas se preocupam em transpor do plano da experiência subjetiva para o de uma condição negativa imanente à existência humana.

Depois do momento temporal e simbólico do pôr-do-sol, seguido por uma descrição angustiada do estado de alma do poeta *viator* Augusto dos Anjos, que continua se espalhando para o mundo circundante, presenciemos, no início da sexta estrofe, a aparição edênica da Ilha de Cipango, cuja evocação irá se prolongar até a nona estrofe:

“Mas de repente, num enleio doce,  
Qual se num sonho arrebatado fosse,  
Na ilha encantada de Cipango tombo,  
Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha  
A árvore da perpétua maravilha,  
À cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango,  
Verde, afetando a forma de um losango,  
Rica, ostentando amplo floral risonho,  
Que Toscanelli viu seu sonho extinto  
E como sucedeu a Afonso Quinto  
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio...  
Irámos a um país de eternas pazes  
Onde em cada deserto há mil oásis  
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,  
Banhei-me na água de risonhos lagos  
E finalmente me cobri de flores...”<sup>74</sup>

<sup>74</sup> A. dos ANJOS, *op. cit.*, p. 283.

O roubo onírico que desencadeia a aparição é pretexto para que o poeta *viator* possa momentaneamente suspender a sua peregrinação e entrar de choque na dimensão da recordação autobiográfica – a infância passada no contexto rural do Engenho Pau d’Arco, onde Augusto dos Anjos nasceu e viveu até 1908, e no qual, em 1904, compôs o poema –, que ele transfigura, num eco

orientalista caro a certo Simbolismo, na evocação mítica da Ilha de Cipango. O poeta *viator* re-visita assim seu passado, os lugares naturais intimamente ligados à sua mocidade, através duma caracterização claramente edênica dos mesmos (por exemplo: a árvore de tamarindo do Pau d'Arco, pela qual sabemos que o jovem Augusto dos Anjos nutria grande predileção, torna-se “A árvore da perpétua maravilha”; assim como acreditamos que a referência à “água de risonhos lagos”, da última estrofe citada, possa referir-se ao “Lago Encantado”, nome com que o poeta designava o açude próximo do Pau d'Arco). Situação edênica, porém, que o poeta perde por causas externas à sua vontade, as quais marcarão temporalmente uma situação conflitante entre um passado cheio de expectativas e um presente de derrota e desalento, como se observa destes versos, continuação dos anteriores:

“Mas veio o vento que a Desgraça espalha  
E cobriu-me com o pano da mortalha,  
Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!  
Um penetrante e corrosivo frio  
Anestesiou-me a sensibilidade  
E a grandes golpes arrancou as raízes  
Que prendiam meus dias infelizes  
A um sonho antigo de felicidade!”<sup>6</sup>

O propósito de o poeta enfatizar um momento particularmente esperançoso e também infausto de sua vida, através duma representação que correspondesse à de um *status* edênico e de sua subsequente perda, esposava-se brilhantemente quer com a visão paradisíaca, de país da riqueza e da abundância, oferecido pelo mito medieval da Ilha de Cipango – mito geográfico ligado às viagens de descoberta do Novo Mundo –, quer, sobretudo, com a evocação das vicissitudes das personagens históricas de Colombo, Toscanelli e Afonso V, que, convencidos na existência dessa ilha maravilhosa, viram frustrada de todo a esperança de alcançá-la.<sup>6</sup> Em relação a este último aspecto, o paralelo que Augusto dos Anjos instaura entre a sua dolorosa experiência e a desses homens ilustres do passado, nasce pela necessidade de inseri-la numa continuidade histórica de *quimera almejada e nunca lograda*; situação, em última instância, que deixa entrever o pessimismo, de cunho schopenhaueriano, inerente ao *weltanschauung* augustiano: o destino do homem é irremediavelmente triste, já que qualquer tentativa de buscar algo de venturoso (o “sonho antigo de felicidade”) levará sempre e inevitavelmente ao fracasso (o “sonho extinto”).<sup>7</sup> É, portanto, à luz deste conjunto de características, que “A Ilha de Cipango” se nos revela qual verdadeiro poema da ilusão e do desengano humanos; assim como, *mutatis mutandis*, vemos evidenciar-se em “A máquina do mundo” de Carlos Drummond de Andrade.

A aparição do aparelho da Máquina do Mundo, concomitante à sua abertura, acontece no décimo verso do poema (“a máquina do mundo se entrea-

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> As informações geográficas proporcionadas por Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482) sobre a existência da ilha de Cipango ao longe da costa asiática – Ásia que ele considerava possível alcançar numa travessia marítima do oceano Atlântico –, foram conhecidas, através da carta e do material cartográfico que este enviou, em 1474, ao canônico português Fernando Martins, tanto pelo rei português D.

Afonso V (1432-1481), como por Cristóvão Colombo (1451-1506). Este último, graças também aos dados toscanelianos, pôde empreender a sua navegação atlântica em demanda da ilha de Cipango e da terra asiática do Grande Khan. Das duas metas, o objetivo principal da primeira viagem colombiana, que resultou na descoberta do Novo Mundo, foi o da busca dessa ilha misteriosa, que já desde as informações presentes no *Millione* de Marco Polo e retomadas sucessivamente pelo próprio Toscanelli, aparece com características fantásticas, tida como ilha de incomparável beleza, onde abundavam ouro, pérolas e pedras preciosas. Era tamanho o anseio de achar esta ilha, que em vários momentos do seu *Diario de a bordo*, Colombo acredita em vê-la nas ilhas caribenhas há pouco descobertas (assim como, paralelamente, pensava de estar próximo do Paraíso Terrestre), como resulta diretamente das suas palavras: "Quisiera hoy partir para la isla de Cuba, que creo que debe ser Cipango, según las señas que dan esta gente [ da Ilha Isabela] de la grandeza de ella y riqueza"; ou através das palavras do padre Las Casas, transcritor e glosador da única versão do *Diario de a bordo* que possuímos: "entre los otros lugares que nombraban [alguns indígenas da ilha Hispaniola] donde se cogía el oro, dijeron de Cipango, al cual ellos llaman Cibao, y allí afirman que hay gran cantidad de oro de

briu"), logo depois do motivo simbólico que une o estado de alma do poeta com o surgimento do anoitecer. Tudo isso sem recorrer ao expediente do onirismo que vimos caracterizar a irrupção da Ilha de Cipango no poema augustiano. Será, todavia, só no verso 49 que começará a longa descrição do conteúdo deslumbrante da máquina:

"As mais soberbas pontes e edifícios,  
o que nas oficinas se elabora,  
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,  
os recursos da terra dominados,  
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre  
ou se prolonga até nos animais  
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,  
dá volta ao mundo e torna a se engolfar  
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,  
suas verdades altas mais que todos  
monumentos erguidos à verdade;

e a memória dos deuses, e o solene  
sentimento de morte, que floresce  
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance  
e me chamou para seu reino augusto,  
afinal submetido à vista humana."<sup>8</sup>

Esta descrição vorticosa, caleidoscópica do objeto da Máquina do Mundo, que o poeta *viator* topa sobre uma montanha de Minas Gerais, chama a nossa atenção para outro objeto semelhante que aparece no celeberrimo episódio final de *Os Lusíadas* de Camões. Aqui, no verso 640 do Canto X, ele é designado como "a grande máquina do Mundo", e é a deusa Tétis que, na Ilha dos Amores, em recompensa pelas façanhas marítimas realizadas, mostra esse objeto à tripulação portuguesa para que – a deusa referindo-se a Vasco da Gama – "vejas / Por onde vas [sic] e irás e o que desejas".<sup>9</sup> Não é obviamente este o lugar para fazermos um levantamento das diferenças e analogias existentes en-

tre as duas máquinas e os motivos que as acompanham nos respectivos poemas. Todavia, como interpretações críticas já atestaram, é muito provável que para a transposição mítico-alegóricada do tema da busca do conhecimento do sentido da existência, Carlos Drummond de Andrade tenha levado em conta a imagem e o episódio da máquina do mundo do poema camoniano.<sup>10</sup> Se, pois, como é lícito pensar, há uma filiação direta ao mito cantado por Camões, então, à luz disso, podemos vislumbrar duas analogias intercorrentes entre a versão drummondiana do mito da Máquina do Mundo e a versão augustiana do da Ilha de Cipango: como a Ilha de Cipango, também a imagem da Máquina do Mundo liga-se estritamente à visão maravilhosa da ilha (a Ilha dos Amores); e, dado mais relevante, assim como a primeira, também a segunda se apresenta como um mito relacionado com a tradição literária ibérica das viagens de descoberta/exploração. Há, pois, no modo de introduzir o tema mítico em ambos os poemas, um elo subjacente que liga a atitude explícita de Augusto dos Anjos àque-la mais implícita de Carlos Drummond de Andrade.

Conforme mencionamos, a Máquina do Mundo constitui para o poeta *viator* a verdadeira explicação dos mistérios da existência; supremo conhecimento que ele sempre ambicionou possuir através de uma pesquisa apaixonada, embora extenuante e sem resultado, como é o próprio objeto-falante da Máquina do Mundo a referir-nos com palavras dirigidas ao poeta *viator*, numa situação narrativa que introduz a revelação do segredo da máquina, já vista nos versos anteriores:

“O que procuraste em ti ou fora de  
teu ser restrito e nunca se mostrou,  
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,  
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza  
sobrante a toda pérola, essa ciência  
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,  
esse nexo primeiro e singular,  
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo”.<sup>11</sup>

A “explicação total da vida”, encarnada na imagem e na essência da Máquina do Mundo, aparece aqui como a *quimera almejada e nunca lograda* que é o “sonho de felicidade” (isto é: o passado vivido por Augusto dos Anjos-Colombo, no Engenho Pau d’Arco-Ilha de Cipango) do poema augustiano. Além disso, em ambos os poemas é possível reconhecer uma análoga seqüência tem-

martillo”. As citações são extraídas de C. COLÓN, *Diario de a bordo*. Madrid: historia 16, 1985, pp. 106 e 166, respectivamente. Para os dados históricos sobre o mito da Ilha de Cipango inseridos nesta nota, aproveitamos os que Luis Aranz proporciona na Introdução a esta edição do *Diario* colombiano (ver em particular as pp. 41-54).

<sup>10</sup>) A tristeza, o sofrimento e a luta vã insitos no destino humano são, de fato, temas de implicação filosófica que impregnaram todo o *corpus* poético de Augusto dos Anjos. No *Eu*, por exemplo, existem dois momentos emblemáticos dessa visão augustiana do mundo que vale a pena frisar. No primeiro, pertencente ao soneto “Eterna Mágua” (como “A Ilha de Cipango”, datado Pau d’Arco, 1904), assim se expressa o poeta sobre a imanência e irredutibilidade da tristeza e da mágoa na existência do homem: “O homem por sobre quem caiu a praga / Da tristeza do Mundo, o homem que é triste / Para todos os séculos existe / E nunca mais o seu pesar se apaga!”; “Transpõe [a mágoa] a vida do seu corpo inerme; / E quando esse homem se transforma em verme / É essa mágoa que o acompanha ainda!” (A. dos ANJOS, *Obras completas, op. cit.*, p. 290). No segundo poema, intitulado “Queixas Noturnas” (datado Pau d’Arco, 1906), Augusto dos Anjos se detém sobre o motivo da luta vã do homem, transfigurado na imagem de um Hércules que agoniza na derrota



procedente das lutas travadas “contra a universal grandeza” e “contra a Natureza”; condição humana que o poeta considera inalterável: “Ah! Por todos os séculos vindouros / Há de travar-se essa batalha vã / Do dia de hoje contra o de amanhã, / Igual à luta dos cristãos e mouros” (*Ibidem*, p. 292).

<sup>(8)</sup> C. D. de ANDRADE, *Obra completa, op. cit.*, p. 272.

<sup>(9)</sup> L. de CAMÕES, *Os Lusíadas* (edição organizada por Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto Editora, 1990. pp. 337 e 336, respectivamente.

<sup>(10)</sup> Ver, por exemplo, o que sobre a influência camoniana em Drummond refere Gilberto Mendonça Teles no breve comentário crítico feito ao texto de “A máquina do mundo”, in: C. D. de ANDRADE, *Seleção em prosa e verso*. Rio: José Olympio/INL, 1971. p. 146.

<sup>(11)</sup> C. D. de ANDRADE, *Obra completa, op. cit.*, p. 272.

<sup>(12)</sup> *Ibidem*, p. 272-273.

poral que marca o processo de aproximação e privação da condição edênico-utópica: Augusto dos Anjos é voltado mais para o passado, parte de uma condição esperançosa, ilusoriamente ditosa vivida no pretérito, para vê-la definitivamente perdida, no presente-futuro, por causas externas, alheias à sua vontade (“o vento que a Desgraça espalha”); em Drummond encontramos uma situação semelhante, embora temporalmente orientada mais para o presente-futuro: o poeta sempre almejou e se aplicou para obter algo que nunca conseguiu lograr (fase passada, de expectativa enganosa), e quando, no presente da narração, o objeto da sua procura se lhe depara diante dos olhos, é o próprio poeta a determinar o afastamento dessa felicidade presente-futura com a recusa da Máquina do Mundo, consoante aparece no final desta extraordinária seqüência imagética, verdadeira *amplificatio* do desalento humano:

“Mas, como eu relutasse em responder  
a tal apelo assim maravilhoso,  
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima – esse anelo  
de ver desvanecida a treva espessa  
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas  
presto e fremente não se produzissem  
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,  
e como se outro ser, não mais aquele  
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade  
que, já de si volúvel, se cerrava  
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;  
como se um dom tardio já não fora  
apetecível, antes despiçando,

baixei os olhos, incurioso, lasso,  
desdenhando colher a coisa oferta  
que se abria gratuita a meu engenho.”<sup>12</sup>

É por essas características que o poema drummondiano, analogamente ao augustiano, pode ser lido como um poema da ilusão e desengano do homem diante do mundo, nisto mostrando submeter-se também a certa preocupação

filosofante, pois o lirismo desalentado que caracteriza “A máquina do mundo” remonta, como se sabe, a uma fase poética drummondiana influenciada pelo existencialismo filosófico-literário do após-guerra. E é também nesta óptica existencialista que podemos interpretar a renúncia que o poeta *viator* faz do seu sonho de plenitude cognitiva, pois a escolha da renúncia é um modo de demonstrar a inevitabilidade do fracasso ontológico do ser humano, já que, na sua opinião,

“[...] em vão e para sempre repetimos  
os mesmos sem roteiro tristes périplos,”<sup>13</sup>

(<sup>13</sup>) *Ibidem*, p. 271.

Assim como em “A Ilha de Cipango” a intenção de Augusto dos Anjos transcender a sua condição subjetiva, inserindo-a numa continuidade histórica de experiências humanas fracassadas, testemunhava a natureza repetitiva e frustrada das ações humanas, igualmente, e diríamos mais explicitamente, a mesma intenção é revelada no poema drummondiano. Se essa condição, pois, é inerente à existência humana, então para os dois poetas é vã qualquer luta ulterior para melhorá-la: há, em ambos, a consciência de que a ruptura com o mundo, quer voluntária quer não, é inevitável, e ela, já detectada nos trechos poéticos transcritos, será, conforme veremos mais adiante, confirmada nos versos finais. Existem, pois, evidentes pontos de contato entre o pessimismo existencialista de “A máquina do mundo” e a tendência pessimista de “A Ilha de Cipango”, que ajudam a reforçar ainda mais a aproximação analógica das duas composições poéticas.

## O FIM DO CAMINHO: DESCE A TREVA

Após a longa cena do aparecimento das *mirabilia*, as últimas duas estrofes dos dois poemas são destinadas a retomar e desenvolver o motivo narrativo do exórdio: o poeta *viator* prossegue pela estrada, acompanhado, desta vez, pela vinda da treva, segundo uma continuidade das coordenadas espaço-temporais, que passando do exórdio para o epílogo, é capaz de proporcionar unidade estrutural e coesão diegética a ambos os poemas. A vinda do momento noturno pode dar-se *ex abrupto* e de forma sintética, como aparece em “A máquina do Mundo”:

“A treva mais estrita já pousara  
sobre a estrada de Minas, pedregosa,  
e a máquina do mundo, repelida,  
  
se foi miudamente recompondo,  
enquanto eu, avaliando o que perdera,  
seguia vagaroso, de mãos pensas.”<sup>14</sup>

(<sup>14</sup>) *Ibidem*, p. 273.

Ou, pelo contrário, de modo gradual, temporalmente escandido, e, por isso mesmo, com mais riqueza de pormenores, conforme vemos realizar-se em “A Ilha de Cipango”:

“A tarde morre. Passa o seu enterro!...  
A luz descreve ziguezagues tortos  
Enviando à terra os derradeiros beijos.  
Pela estrada feral dois realejos  
Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa...  
O Firmamento é uma caverna oblonga  
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.  
E como agora a lua cheia brilha!  
Ilha maldita vinte vezes a ilha  
Que para todo o sempre me fez triste!”<sup>15</sup>

<sup>15</sup> A. dos ANJOS, *op. cit.*,  
p. 283-284.

Contudo, as estrofes conclusivas têm outra importante função: confirmar a perda do *sonho de felicidade*, a ruptura definitiva do *eu* com o mundo – representado pelas duas *mirabilia* –, segundo idiossincrasias poéticas divergentes que, aliás, vimos caracterizar os poemas em vários de seus pontos. Com efeito, à repulsa da Máquina do Mundo, que o poeta *viator* Carlos Drummond de Andrade desempenha num tom pacato e numa aceitação desalentada que, por sua vez, se espelha na atitude cogitabunda e como que acidiosa do seu próprio semblante (“vagaroso” e “de mãos pensas”), faz de contraponto a atitude abertamente compungida do poeta *viator* Augusto dos Anjos, cuja desilusão é encarada com uma reação que desemboca no tom cáustico do anátema lançado contra a Ilha de Cipango, a “Ilha maldita”, causa da sua perene tristeza. Características, estas, de dois poemas tão diferentes e contudo tão semelhantes, capazes de tramar um sugestivo diálogo, a distância de tempo e de espaço, sobre o sentido da vida e existência humanas: “A máquina do mundo n” “A Ilha de Cipango”.

ABSTRACT: From the poet-viator’s image this essay compares the analogies of the structure, the images and the mythical themes of two poems: Augusto dos Anjos’s “A ilha de Cipango” and Carlos Drummond de Andrade’s “A máquina do mundo”; as well as the similar attitude of both authors that reject the world by the negation of the Utopia.  
KEYWORDS: poetry; myth; utopia.

Ensaio elaborado no primeiro semestre de 1999, para o curso de Pós-graduação “Literatura e crítica literária na transição para o modernismo (1890-1922)”, ministrado pelo Prof. Antonio Arnoni Prado.